REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 339

21 DE MAIO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

SUA MAGESTADE A RAINHA D. MARIA PIA

(Segundo uma photographia de Fillon)

CHRONICA OCCIDENTAL

O acontecimento capital d'estes dez dias decorridos, foi, apesar das festas do rei da Suecia, da recita de gala em S. Carlos e do fogo no Tejo—o explendido baile dado no sabbado 12, pelos condes de Burnay, no seu magnifico palacio da Junqueira.

O Occidente consagra a essa extraordinaria festa um artigo especial, e por isso registando-a apenas aqui como um d'esses acontecimentos *mundanos* que marcam epocha nas chronicas elegantes de qualquer grande cidade, e que entre nós, não tem, de nosso tempo *pendant*, revistemos rapidamente os festejos officiaes com que Lisboa celebrou a primeira visita á nossa terra do actual soberano da Suecia, o rei Oscar II.

Essas festas não foram muito brilhantes, apesar de com ellas se gastar bom dinheiro, e não foram muito brilhantes, primeiro, porque não houve lá um grande bom gosto em quem as dirigiu; segundo, porque a doença affastou el-rei D. Luiz de assistir a ellas, e a ausencia do illustre monarcha tão querido de todos os portuguezes, que é sempre motivo para que qualquer festa seja menos brilhante, muito mais o é desde o momento em que o origina uma longa enfermidade, que felizmente, segundo affirmam as pessoas que mais de perto lidam com o augusto personagem, não tem gravidade, mas que todavia traz preoccupado e triste o povo, que estremece muito e justamente, o seu bom e querido rei.

Ao principio fallava-se em parada, em grandes illuminações, em muita coisa; no fim de contas os festejos publicos limitaram-se simplesmente a uma recita de gala no theatro de S. Carlos e ao fogo de vistas no Tejo.

Já vêem que o programma das festas que principiára logo por não ser muito brilhante, na sua pratica muito menos brilhante ainda foi.

Quando visitaram Lisboa o principe de Galles, e os reis de Hespanha, as festas trouxeram á cidade grande numero de pessoas da provincia; d'esta vez ninguem se incommodou a cá vir, nem mesmo dos logares mais proximos, e a festa passou-se em familia, como uma *soirée* intima.

O Occidente publicou já no seu ultimo numero um excellente retrato do soberano sueco, retrato muito parecido como o poude verificar toda a gente que no domingo 13 encheu o Terreiro do Paço, rua do Arsenal e Atterro, para vêr a passagem do rei Oscar.

As ruas do transito, desde a Praça do Commercio, sitio do desembarque do monarcha, até ao Paço da Ajuda onde sua magestade se alojou nos aposentos que foram occupados ultimamente por sua alteza a infanta D. Antonia, estavam todas embandeiradas.

Ao longo das ruas tinham sido collocados grandes mastros brancos com as bandeiras suecas e portuguezas; e limitou-se a essa ornamentação de arraial toda a ornamentação feita nas ruas de Lisboa.

O soberano sueco desembarcou no Terreiro do Paço ás duas horas da tarde de domingo.

Era ali esperado por sua alteza real o principe D. Carlos, pelo sr. infante D. Affonso, ministerio, corpo diplomatico, côrte, fazendo as honras militares da recepção todos os corpos de guarnição na cidade.

Trocados os primeiros cumprimentos, sua magestade o rei Oscar seguiu para a Ajuda n'um coche rico da casa real, acompanhado pelos principes portuguezes, precedido da sua comitiva com todo o cerimonial do estylo.

O prestito era aberto por um piquete de lanceiros e seguido por todo o esquadrão de lanceiros e de cavallaria.

Pelas ruas do transito estava muita gente para vêr o nosso real hospede.

No paço o rei Oscar era esperado á entrada por sua magestade a rainha, por sua alteza real a sr.ª princeza D. Amelia e por el-rei D. Luiz.

Os dois soberanos estiveram por longo tempo abraçados affectuosamente.

Na segunda feira houve o banquete official no paço da Ajuda, banquete para que se fizeram muitos convites e que correu animadamente.

Á sobremeza el-rei D. Luiz fez um elegante e eloquente brinde em francez ao seu real hospede, brinde a que o rei Oscar correspondeu, fazendo o elogio das altas qualidades de espirito e de coração que distinguem o rei de Portugal entre todos os soberanos da Europa.

Na terça feira á noite foi a recita de gala no theatro de S. Carlos.

Fallava-se n'esta recita ha que tempos e até se tinha dito que a empreza de S. Carlos conservaria o theatro aberto e prolongaria os seus espectaculos lyricos até á chegada do rei Oscar, para haver elementos com que se pudesse dar uma recita brilhante.

Não sabemos se officialmente se chegou a tratar d'isso, mas cremos que não, e em todo o caso, visto a visita do rei da Suecia que era ao principio esperada em meiados de abril se ter demorado até meiados de maio, a prolongação da epocha lyrica até tão tarde, seria se não impossivel, pelo menos excessivamente dispendiosa.

Agora porém o governo luctou com embaraços para organisar espectaculo para a recita de gala em S. Carlos.

Nós não comprehendemos muito bem o motivo porque, havendo em Lisboa theatro portuguez, a recita de gala offerecida a um soberano estrangeiro ha de ser dada com opera estrangeira, e pelo contrario, parecia-nos naturalissimo e até muito mais amavel e logico que essa recita fosse dada em theatro nacional, com espectaculo nacional tambem.

Ha um unico motivo justo a oppôr a isto, é o de ser uma verdadeira massada obrigar um estrangeiro a assistir á representação d'uma peça declamada n'uma lingua de que não percebe palavra.

Com o rei da Suecia porém este motivo cae completamente pela base.

Oscar II é um soberano intelligentissimo, muito illustrado, e litterato distincto; sabe evidentemente de cór e salteado as grandes obras de Shakespeare, e poderia perfeitamente apreciar a maneira como os nossos artistas interpretam as obras primas do maior genio theatral do mundo.

No repertorio do theatro de D. Maria figuram o *Hamlet* e o *Othello* cuja interpretação fazem a maior honra aos nossos artistas dramaticos, e parece-me que teria muito mais significação e seria mesmo muito mais agradavel para o real viajante ter-lhe dado uma recita de gala no theatro portuguez com o *Othello*.

D'esse modo, nós mostrariamos a um soberano estrangeiro, que temos artistas que sabem interpretar o grande repertorio Shakespereano, e o rei da Suecia, que é um rei litterato, ficaria sabendo como os personagens de Othello e de Yago são comprehendidos e interpretados por artistas portuguezes.

E se o motivo especial da recita de gala ser em S. Carlos é a sala d'espectaculos, o querer mostrar a um hospede o nosso maior theatro, era facil de conciliar as duas coisas fazendo representar em S. Carlos a companhia dramatica do theatro de D. Maria.

Mas nada d'isto se fez e organisou-se á ultima hora um concerto vocal e instrumental por artistas e amadores, um concerto muito bom para uma festa particular, mas que para as exigencias de uma festa de gala deixou immenso a desejar.

E mesmo assim custou bastante a organisar esse concerto.

Quasi nos ultimos dias, quando o rei estava para chegar, fallou-se em organisar uma recita com o *Rigoletto*, cantado pelos irmãos Andrades e pela sr.ª Pacini. A parte de contralto, dizia-se ser desempenhada pela sr.ª Judice, uma distincta alumna do Conservatorio, que no sarau da Imprensa tanto se fez applaudir pela sua maravilhosa voz. Mas nada d'isto passou de boato inventado fóra das regiões officiaes. Lá dentro nunca se pensou n'isso, cremos, ou pelos menos se se pensou, o que é certo é que ninguem fallou em tal a nenhum dos distinctos artistas cujos nomes se citavam.

Póde ser que se guardassem para a ultima hora, mas entretanto Francisco de Andrade, o nosso grande barytono, foi escripturado para Londres, ahi chamado por telegramma, e exactamente na noite de gala em S. Carlos devia elle ter debutado no Covent Garden.

E ahi ficou perfeitamente desmanchado o plano do *Rigoletto*, se tal plano chegou a haver.

Por fim a recita organisou-se com um concerto da *Associação Musica 24 de Junho*, concerto com que inaugurou uma serie de concertos que vae dar em S. Carlos, e em que tomaram obsequiosamente parte a *prima dona* Regina Pacini e os distinctos amadores a sr.ª Judice e o sr. D. José d'Almeida.

O fogo no Tejo que costuma ser sempre o *clou* dos festejos officiaes feitos em Lisboa, foi d'esta vez um *fiasco*, mercê da idéa extravagantissima de queimar o fogo em terra, no sitio mais estreito do Aterro, em vez de o queimar no rio como das outras vezes.

Desde o primeiro dia em que se fallou em fogo, constou que o local escolhido era aquelle.

Toda a imprensa, sem fazer d'isso politica, tanto jornaes do governo como jornaes da opposição, censuraram immediatamente a escolha do local com um grande bom senso, porque no fim de tudo a coisa mettia-se pelos olhos dentro e era tão disparatada, que não chegamos a conceber como tal idéa poude germinar dentro d'um cerebro.

Pois germinou e foi por diante apesar de todas as censuras e reclamações.

Segundo consta o paiz gastou 20 contos com esse fogo, e entretanto graças á escolha do local esse fogo foi disposto de tal maneira, que nem das janellas e do jardim do Museu d'onde o gosava o rei da Suecia, em homenagem a quem era queimado, esse fogo poude ser completamente visto.

As peças fixas estavam collocadas em linha pela margem do Aterro, desde a estação dos americanos em Santos até defronte da Rocha do conde d'Obidos, e de parte nenhuma se podia vêr de frente todo o fogo, pois quem ficava em frente d'uma das peças, via bem uma peça e as duas que estavam proximas, e as outras via-as de escorço, perdendo todo o seu effeito.

Emquanto ao fogo do ar, esse fogo que se costuma vêr de todas as partes, até d'esta vez foi deitado d'um sitio que deu em resultado muito d'elle não ser visto exactamente das pessoas, que estavam nos logares chamados melhores para vêr o fogo.

O recinto como se sabe é estreitissimo, o mais estreito de todo o Atterro, e a maior parte dos foguetes iam estourar para o lado da terra, por cima dos telhados das casas que bordam o Atterro, de modo que quem estava n'essas casas e junto d'ellas não os podia vêr.

Os balões, esses então nenhum d'elles foi visto do publico que estava no recinto do fogo, pois todos elles, quando começavam a produzir o seu effeito pyrotechnico, era já muito fóra do alcance da vista das pessoas, que estavam no Atterro.

As montanhas da outra margem do rio não foram illuminadas como era costume; o rio tinha poucos barcos illuminados, e o grande panorama magico do Tejo quando foi o fogo do principe de Galles, do rei de Hespanha e do casamento do principe real, deixou-se estar muito socegado dentro das reminiscencias das pessoas que a essas festas tinham assistido, e não veiu cumprimentar sua magestade Oscar II, rei da Suecia.

Em compensação, se em consequencia do local escolhido o fogo não foi bem visto por ninguem, foi bem sentido por todos, e penso que não ha meia duzia de pessoas das que estiveram no local do fogo, que não trouxessem de lá o seu fato cheio de recordações inolvidaveis d'essa festa.

Como o recinto era muito estreito e muito restricto, quem quiz ver bem o fogo teve de se entalar entre as peças fixas e as casas que fecham o Aterro do lado da terra, e ahi a multidão, perfeitamente encamada como as sardinhas de Nantes dentro das suas latinhas, esteve durante duas horas sob a chuva implacavel de todas as fontes de ouro que ardiam em terra, e de todos os foguetes de lagrimas que estoiravam no ar.

E por isso a cada momento, durante essas duas horas ouvia-se sahir do Aterro um enorme rumor, uma gritaria aterrada do povo a quem esse fogo não só ardia na bolsa, mas tambem ardia na pelle.

E foram estas as duas unicas festas officiaes publicas com que se celebrou a visita a Lisboa do soberano da Suecia.

As outras festas tambem não foram muitas: um jantar no paço, como já dissemos, e um almoço em Cintra.

O rei da Suecia, que chegou a Lisboa no dia 13, saiu da nossa cidade no dia 17, ás 10 horas da noite pelo caminho de ferro em direcção a Sevilha, d'onde seguirá para Barcellona a visitar a exposição.

Acompanharam Sua Magestade até á Fronteira portugueza o principe D. Carlos e o infante D. Affonso.

Sua Magestade a Rainha e sua Alteza Real a Princeza D. Amelia foram derpedir-se do seu real hospede á estação de Santa Apolonia.

Segundo se diz, é esperada bravemente em Lisboa outra visita real: a de Sua Magestade a Rainha de Italia.

Oxalá que as festas sejam mais brilhantes, e que, se queimarem algum fogo, não o queimem no Aterro.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

SUA MAGESTADE A RAINHA

O retrato da excelsa rainha dos portuguezes, que hoje damos, é o complemento indispensavel das gravuras com que o Occidente tem acompanhado a narrativa do tragico incendio do theatro Baquet do Porto; — é o *pendant* glorioso e consolador das scenas lascinantes que o buril do nosso gravador reproduziu: — o incendio do Baquet foi a fatalidade que enlutou o Porto, a Rainha foi a Providencia que sorriu á heroica cidade n'esse momento terrivel de lagrimas e de desolação.

Ha um velho anexim portuguez que diz que «o fogo experimenta o ouro, como a adversidade experimenta o amigo fiel», e assim é.

De cada vez que a adversidade fere o paiz, mais brilhante e mais eloquente resplende a amizade carinhosa da rainha pelo seu bom povo que a idolatra, mais gloriosa e triumphante irradia essa corôa santa de caridade e de philantropia que aureola a fronte radiante da augusta princeza italiana, que o rei D. Luiz escolheu entre todas para sua companheira querida, para mãe amorosa e dedicada do povo portuguez.

Não precisamos historiar aqui minuciosamente o facto maravilhoso que a publicação do retrato da Rainha sr.ª D. Maria Pia hoje commemora nas nossas paginas.

Todo o paiz conhece bem esse facto, conhece-o bem o estrangeiro, que o tem registado com o devido louvor nas chronicas dos seus jornaes.

Uma manhã Lisboa apavorada leu em todos os periodicos a noticia dolorosa d'uma grande catastrophe, que horas antes enchera de lucto, de dor e de angustia a segunda cidade do reino.

Um incendio horroroso devorara em meia hora o theatro Baquet do Porto, sepultando sob as suas ruinas fumegantes centenas de victimas.

Por toda a parte reinava na cidade invicta, as lagrimas, a miseria e a desolação: a narrativa simples e laconica do cortejo de desgraças que esse incendio gerára, parecia uma pagina arrancada aos mais negros cantos do inferno dantesco.

Apenas a noticia circulou em Lisboa, a Rainha, abandonando o seu palacio e a côrte, põe-se a caminho, sosinha com seu filho, vestida de luto como de luto estava a cidade infeliz e por uma noite medonha de temporal sul, uma d'essas noites tremendas em que o vento rugia pelas charnecas, como coros de bruxas na legendaria noite sinistra de Walpurgis, vae ao Porto, juntar as suas lagrimas ás lagrimas que ali corriam, mergulhar o seu coração amantissimo de mãe e de mulher n'aquelle grande oceano revolto de maguas e de dor, vae levar aos pobres a esmola do seu ouro, aos mortos a esmola da sua prece, aos tristes a esmola do seu sorriso, aos que padecem a esmola da sua consolação.

E como o sagrado Viatico não escolhe ricos nem pobres, e tanto vae ao palacio sumptuoso como á choça humilde, como ao antro vil e á enxovia immunda, assim Maria Pia, esquecendo-se de que era rainha para só se lembrar que era mulher, foi correr as viellas mais sordidas do Porto, esses beccos escuros onde o sol nunca entrou, levar, como o Deus supremo, áquelles que agonisavam, que se estorciam nas vascas da morte, nas vascas da fome, nas vascas da dor, palavras de esperança, palavras de conforto, palavras de resignação.

E por todo o paiz se ergueu um grito unisono e triumphal de «Viva a Rainha!», um viva que não foi gravemente levantado, segundo a pragmatica, pelo presidente engravatado de qualquer camara municipal, um grito que foi levantado expontaneamente pela alma popular vibrante de enthusiasmo, de reconhecimento, de gratidão ante a acção grande e santa da santa e grande Rainha, da grande e santa mulher!

E hoje como hontem, hoje que o theatro Baquet ardeu, como hontem quando as innundações semearam a morte e a miseria pelas regiões alagadas, ao grito de desolação responde um grito de enthusiasmo, á exclamação de dor responde uma exclamação de reconhecimento, e ao *miserere* lugubre que o paiz em lagrimas *psalmodea*, succede logo como um grito triumphal, o grito enthusiastico de «Viva a Rainha».

E é por isto que o retrato dacaridosa rainha dos portuguezes não podia deixar de illustrar a chronica da sinistra tragedia do Porto.

A ILHA DO CABO DE SECÇÃO

Foi uma das ilhas visitadas por Sua Magestade a Rainha, quando a augusta princeza andou soccorrendo no Porto as pessoas mais prejudicadas pelo incendio do Baquet.

A ilha do Cabo de Secção, situada na rua do Bomjardim, é curiosa principalmente pela disposição das casas que a compõem, situadas ao longo de uma ingreme escadaria de pedra, a céu aberto.

Constitue um dos typos interessantes d'esse genero de habitações disseminadas pelo Porto e que dão asylo á sua população proletaria.

A gravura que publicamos é reproduzida de uma prova photographica da conceituada Photographia União, encarregada pela sr.ª D. Maria Pia de tirar as vistas de algumas das ilhas que visitou.

CASA DA ILHA DOS TANQUES NA CORTICEIRA

A nossa gravura, reproducção de uma excellente photographia do distincto amador portuense o sr. Joaquim Damazio Basto, representa a casa da Ilha dos Tanques, na Corticeira, habitada pela viuva do varredor Manoel Baptista, um dos desventurados que pereceu no incendio do theatro Baquet.

Foi ao penetrar os hombraes d'esse lobrego tegurio, onde a sr.ª D. Maria Pia ia levar o conforto da sua esmola caritativa e a consolação da sua palavra affectuosa, que a augusta princeza proferiu as celebres palavras:

— *Pois aqui vive-se?!*

Vive-se ali e vive-se ainda em condições mais miserandas.

As casas da ilha dos Tanques possuem ao menos um horisonte vasto e as correntes beneficas do ar puro, porque defrontam com os alcantis da Serra do Pillar e com a paizagem dilatada que emoldura as suas margens do rio Douro.

Mas ha recantos de casas, vãos de escadas, onde o ar e a luz difficilmente penetram, verdadeiras tocas humanas, em que vegetam sob uma atmosphera asphixiante, tendo por leito colchões apodrecidos pela humidade, familias inteiras!

A escada de madeira que dá accesso para a casa da ilha dos Tanques tem por fim evitar que o inundem as enxurradas do inverno e as vertentes canalisadas das fabricas do Campo 24 de Agosto, que se vão precipitar no rio.

Tudo corre por alli a descoberto formando por vezes verdadeiros caudaes.

Na nossa gravura destaca-se sobre a referida escada, a pobre habitante da casinhola, a viuva do varredor, tão generosamente soccorrida por Sua Magestade a Rainha.

AFRICA PORTUGUEZA
ARCOS NATURAES NAS MARGENS DO RIO COROQUE

Entre as curiosidades naturaes que se encontram na Africa Occidental, contam-se os arcos naturaes que a nossa gravura representa.

Estes arcos são talhados na extremidade d'um rochedo, que é ao mesmo tempo o limite d'uma extensa collina d'alguns milhares de metros, a qual faz parte das margens da lagoa Prande e rio Coroque.

O arco maior tem cerca de 12 metros de altura e o outro uns 8 metros.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A LINHA DE CINTURA DE LISBOA

Se ninguem é propheta na sua terra, muito poucos ha que sejam viajantes no seu paiz, e muito menos, que percorram e apreciem as digressões proximas das localidades em que vivem.

É por isso que, indo d'aqui para qualquer ponto do estrangeiro, visitamos todos os jardins, todos os palacios, todas as egrejas e muzeus, porcorremos todos os arredores, admiramos todos os panoramas; emquanto que, em a nossa terra, deixamos ás moscas o jardim zoologico, não vamos senão por incidente ao da escola Polytechnica, de palacios conhecemos apenas o de Cintra e o de Queluz, e nunca tomámos um trem para, sahindo as portas da Cruz da Pedra, entrarmos pelas de Alcantara, percorrendo assim toda a peripheria da cidade de Lisboa.

Pois tem muito que ver, e agora que esse passeio se vae fazer commodamente, n'uma carruagem de caminho de ferro, quantos haverá, no seu egoismo exclusivista, que se lastimem de não terem ha mais tempo feito tão agradavel passeio, só elles, quando mais ninguem o fazia.

Vamos, portanto, descrever-lhes o que em breve verão:

A nova linha principia em Xabregas, em frente do convento da Madre de Deus, e logo ali nos apresenta as suas principaes obras de arte que hoje damos em gravura.

A primeira é o viaducto pelo qual se passa superiormente á fabrica de fiação d'algodão.

Esta obra tem a extensão de 83 metros, sendo o seu taboleiro metallico assente sobre dois encontros e quatro pilares de alvenaria, formando 5 tramos independentes.

Uma parte do viaducto teve de ser coberta por um anteparo metallico, destinado a defender as edificações da fabrica, das faulhas expellidas pelas chaminés das machinas, e que poderiam pôr em perigo aquelle importante estabelecimento fabril que dá trabalho a um grande numero de operarios.

Tanto esta como todas as outras obras metallicas da linha de cintura foram executadas pela importante casa constructora belga Société Internationale de Braine-le-Comte, que se torna digna dos maiores elogios pela perfeição e solidez de todos os seus trabalhos.

Felicitamos por isso o intelligente director da construcção Mr. Vintenon e o distincto engenheiro da casa em Lisboa Mr. Eugene Rolin.

Sahindo do viaducto entra-se logo no tunnel, como bem se vê da nossa gravura.

O tunnel tem 200 metros de comprimento, sendo metade em curva e metade em recta.

Foi construido pelo engenheiro Mr. Boussard.

Seguimos então o pittoresco e fertil valle de Chellas, cuja estrada atravessamos n'um viaducto metallico de 18 metros, em obliqua.

Passados mais dois pontões de pouco mais de 2 metros atravessa-se de nivel a estrada no sitio da Fonte do Louro, bem conhecido pela concorrencia de populares que ali afflue ao domingo... e á semana mesmo.

Depois atravessam-se ainda as estradas da Charneca e Lumiar, em passagem de nivel, fechadas, como a de Sacavem, pelas cancellas de ferro do novo systema, que offerece grandes vantagens de segurança, em pontos tão concorridos como estes.

A linha entra n'um patamar de 336,70 metros que é o ponto mais alto da via.

Até aqui subimos sempre; agora vamos descer até entrarmos na linha de Alcantara a Bemfica.

Cruza-se n'este ponto a projectada avenida do Campo Grande que será um grande embellezamento para a cidade.

Ao norte vê-se em construção o novo mercado de gado, e pouco depois o local onde será a estação militar do Campo Pequeno.

Esta estação será de grande importancia não pela quantidade de edificações, mas pelo desenvolvimento das vias e dependencias, para o serviço de embarque e desembarque de tropas, deposito de material de guerra e parque de engenharia.

Além d'isso, servirá este frequentadissimo ponto das cercanias de Lisboa.

Depois atravessa-se o caminho para Palma e o para a Luz, a estrada de Cintra, em um viaducto metallico de 22,50 metros de um só tramo, e de um typo especial, a estrada de Campolide em outro viaducto de metade da extensão d'aquelle, e finalmente a ribeira d'Alcantara, n'um ultimo viaducto de 16 metros, e eis-nos entrando na linha de Lisboa a Cintra, no sitio de S. Domingos de Bemfica.

A esquerda vêmos o aterro já bastante adiantado que pertence á linha urbana, em construcção, e que virá ligar n'esta, perto do viaducto, sobre a estrada de Campolide.

O publico espera com interesse a abertura d'esta linha que lhe promette, logo que a estação do Campo Pequeno seja aberta, um bom serviço rapido e commodo para todos os suburbios da cidade, hoje tão difficientemente ligada a esses pontos.

No valle de Chellas, no Arieiro, no Campo Pequeno e em Palhavã ha quintas e propriedades magnificas que a linha atravessa, e que poderão

ser servidas pela estrada que a camara tem em estudo, por modo facil e rapido.

Além d'isso a pequena linha vem servir para a importante ligação de comboios entre a antiga rede de leste e norte e a nova rede de Cintra, Torres e Figueira, o que já permitte que, desde a abertura á exploração, que se effectuou no dia 20, haja comboios directos da velha estação de Santa Apolonia para Cintra e vice-versa, assim como para Torres e breve para a Figueira, o que não só é importante para os passageiros como para as mercadorias que d'esta importante zona se destinam a embarque para o estrangeiro e que só difficilmente o conseguiam fazer sem ir á estação do Caes dos Soldados, emquanto a estação maritima do porto de Lisboa não estiver construida.

L. de Mendonça e Costa.

O BAILE DOS SNRS. CONDES DE BURNAY

O Balzac ou o Zola que tomasse a seu cargo fazer, no romance, o estudo realista da sociedade lisboeta contemporanea e transportar para o livro os personagens mais salientes da Lisboa actual, ver-se-hia seriamente embaraçado com a individualidade estranha e original d'esse famoso banqueiro Belga, que tão conhecido, tão fallado e tão discutido é em todo o paiz, e que se chama o conde de Burnay.

Por mais que fizesse, por mais naturalista que fosse, por mais que se cingisse aos processos da sua escola, ou antes quanto mais a elles se cingisse, quanto mais realista fosse, mais o seu livro teria o sabor romantico, o colorido phantastico e imaginoso dos romances mais celebres do velho Dumas pae, da Souliè, e de Feval.

E com quanto mais fidelidade o typo do conde de Burnay fosse transportado para o livro, mais inverosimil e phantastico esse livro pareceria, pela simples razão, que os naturalistas parecem desconhecer, mas que é profundamente verdadeira, de que não ha no mundo nada mais inverosimil do que a verdade.

Nos romances de Dumas, de Feval e de Sou-

PORTO — ILHA DO CABO DE SECÇÃO, Visitada por Sua Magestade a Rainha

(Segundo uma photographia da União)

PORTO — ILHA DOS TANQUES, Visitada por Sua Magestade a Rainha

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Joaquim Basto)

liè apparecem-nos sempre uns personagens mysteriosos, que não se sabe muito bem se são copiados da vida ou tirados das lendas, se descendem de homens, ou se são filhos de deuses, se vem do mundo real ou descem de mundos imaginarios, e que dão a esses livros as suas paginas mais encantadoras e fascinantes com os seus feitos extraordinarios, maravilhosos, sobrenaturaes, que nos assombram como, nas lendas christãs, os milagres dos santos, nos contos de fadas as feiticeirias dos genios, como nas obras magico-scientificas de Julio Verne as façanhas prodigiosas e sobrehumanas dos seus heroes phantasticos.

Pois o retrato mais escrupulosamente photographico, que nas chronicas mais realistas se fizesse do conde de Burnay, pareceria sempre recortado pelo padrão brilhante d'essas estranhas e mysteriosas figuras dos velhos romances imaginosos.

O Burnay é effectivamente o *Topa-a-tudo*, em tudo se mette, mas n'aquillo em que se mette sae triumphante, faz sentir a sua *griffe* poderosa, a sua vara de feiticeiro, e ou se trate d'uma coisa seria ou d'uma coisa futil, de fazer um emprestimo ou de fazer uma mascarada, de combater um adversario ou de queimar um fogo de artificio, elle põe-se logo em evidencia, dá nas vistas, sae do vulgar, faz bulha, é fallado, discutido, tem aggressões violentas e tem apotheoses enthusiasticas.

E o publico já sabe tanto isto que, em se tratando de festa em que intervenha o Burnay, sabe logo que vae assistir a qualquer coisa de maravilhoso, de excepcional, de phantastico.

O Burnay metteu-se nas festas do centenario do nosso grande epico e as festas mais notaveis figurou a festa do Bairro Camões! o Burnay metteu-se nas illuminações do casamento do principe real, e as illuminações do palacio da Junqueira offuscaram as mais brilhantes, o Burnay metteu-se na batalha das flores, e todos os carros mais famosos desappareceram diante do seu triumphal galeão carregado de flores; o Burnay tomou a seu cargo ornamentar a egreja dos Martyres quando n'um Te-Deum solemne Lisboa prestou a eloquente homenagem da sua admiração a uma das mais radiantes glorias de Portugal — a Pinheiro Chagas, e nunca entre nós se viu nada parecido com essa maravilhosa ornamentação...

E sempre assim, a lista seria impossivel de fazer-se completa.

Agora o conde de Burnay deu o seu primeiro baile.

A noticia alvoroçou Lisboa inteira.

O baile do Burnay! O que seria esse baile!

E toda a gente começou logo a phantasiar todas as maravilhas mais extraordinarias, e na noite de 12 do corrente, desde as 10 horas até á meia noite, centenares de carruagens iam para a Junqueira, levando para o palacio do conde de Burnay tudo o que ha de mais distincto e notavel em Lisboa.

E todos os convidados que iam já dispostos para assistir a um espectaculo unico, que levavam o seu espirito preparado para todos os deslumbramentos, apeavam-se das suas carruagens, entravam no palacio do conde de Burnay e ficavam como que assombrados.

O deslumbramento excedia todas as previsões: a realidade estava muito além das mais opulentas phantasias.

* * *

Não esperem, meus caros leitores, que eu tente sequer, esboçar uma descripção das maravilhas extraordinarias do Baile Burnay.

Os orientaes tem um veneno mysterioso e subtil o *Haschich* que lhes dá, nos seus sonhos radiantes, a visão voluptuosa do paraiso.

Nunca nenhum d'elles conseguiu, por mais fertil que fosse a sua phantasia, mais imaginosa e colorida que fosse a sua linguagem, descrever aos que não tinham sonhado, o que nos seus sonhos tinham vivido, e com um grande bom senso, quando lhes pedem informações do que dormindo viram, elles passam o cachimbo, dizendo:

— Fuma!

Se quem me lê não esteve na noite de 12 no palacio da Junqueira, lastimo profundamente não lhe poder offerecer o meu convite e dizer-lhe:

— Vem!

Tendo ao meu dispor muito tempo e alguma memoria, muito espaço, e alguma sciencia de *Bric-à-brac*, eu poderia inventariar aqui as maravilhas artisticas, que se accumulavam nas salas, galeria, corredores e escadas do palacio do conde de Burnay.

Não tento esse trabalho não só por não ter nenhum d'esses elementos indispensaveis, mas tambem porque me parece perfeitamente inutil fazel-o.

Estar a contar o numero de talhas da India, a sua historia e a sua respeitavel edade, a qualidade da madeira dos moveis e a sua disposi-

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A LINHA DE CINTURA DE LISBOA, ABERTA Á CIRCULAÇÃO NO DIA 20 DO CORRENTE — VIADUCTO E TUNNEL DE XABREGAS

(desenho do natural por J. R. Christino)

Principia porque elle é um personagem perfeitamente inverosimil, no nosso tempo, no nosso meio e na nossa sociedade.

Quem o encontra pela primeira vez sem o conhecer e vê aquelle homem que parece um distrahido, um indifferente a tudo que lhe dizem e a tudo que em torno de si se passa, com o seu modo indolente e alheiado, o seu ar quasi adormecido, de quem está sempre a escabecear com somno, fica perfeitamente estupefacto, assombrado, quando lhe dizem que aquelle homem é que é o Burnay, esse Burnay tão celebre pela sua prodigiosa actividade, pela maneira perfeitamente phantastica como elle se multiplica por uma infinidade de negocios e occupações differentes, esse Burnay maravilhoso que em 24 horas fez um bairro novo e transformou um pardieiro em ruinas, n'um jardim de fadas, esse Burnay tão fallado pela multiplicidade das suas aptidões, o famoso *Topa-a-tudo* emfim.

Porque a alcunha que Raphael Bordallo lhe poz no seu *Antonio Maria* ficou, e ficou porque é verdadeira, ficou porque synthetisa a vida gloriosa d'esse prodigioso trabalhador,

ção nas salas, a quantidade de pratos de Sevres que havia nos armarios, e de estatuetas de marmore que havia pelos cantos, fazer a relação dos nomes dos auctores dos quadros, que pendiam pelas paredes, dizer o numero exacto de lumes que tinha cada candelabro, e ostentar uma grande sciencia botanica na nomenclatura de todas as plantas que guarneciam a escada e ornavam as estufas, seria um bonito trabalho para perito de avaliador do tribunal da Boa-Hora, mas não me parece que podesse dar de fórma alguma a sensação extraordinaria, que todo esse conjuncto de obras primas d'arte e de maravilhas da natureza produziu sobre os nossos sentidos.

Eu não sei o nome que tem as plantas verdes e enormes que faziam alas pelos degraus, e que lá em cima, surgindo no meio dos dois lances da escadaria, formavam um amplo ceu de verdura, não sei, nem me importa saber; o que me importava, era saber fazer sentir o encantamento que se experimentava ao subir essa escada que o sr. Manini devia ter copiado para o seu terceiro acto da *Dona Branca*, e que lhe daria a perfeita visão da entrada paradisiaca do eden de Mahomet.

Lá dentro, nas salas, não sei quantas preciosidades havia, quantos espelhos forravam as paredes; não sei de que estofo eram os vestidos das senhoras, de que valor eram as perolas que lhes beijavam os collos nus, ou os brilhantes que lhes fulguravam nos cabellos revoltos nos gyros do *cotillon*, o que sei é que passear por essas salas era como que passear por dentro d'um sonho delicioso, que por toda a parte os olhos não encontravam senão esplendores, maravilhas, quer na arte primorosa d'uma estatua, quer nas fórmas fascinantes d'um corpo de mulher, quer nas scintillações radiosas d'um brilhante famoso, quer nas irradiações estonteadoras d'uns olhos negros e profundos.

É por toda a parte a elegancia, a belleza, a alegria, a festa!

Quando se atravessava a galeria cheia da luz quente e avermelhada do gaz e se olhava pelas janellas para os jardins ficava-se como que atordoado, vacilava-se sobre a realidade do que se via e do que se sentia, chegava a haver duvida se tudo aquillo não seria um sonho phantastico, uma miragem extravagante, produzida, no nosso cerebro hypnotisado, pela suggestão poderosa de qualquer magnetisador sublime.

Lá fóra, como n'uma visualidade de magica, as mattas sombrias do jardim, com a sua tranquillidade mysteriosa de florestas sagradas, pareciam monges negros ajoelhados em torno d'uma palmeira gigante, que se erguia, esguia e esvelta, coroada pelas verdejantes palmas, banhadas pela luz branca e calma que um foco de electricidade lhe desdobrava mansamente por cima, como um candido e virginal veu de noiva.

E a agua corria docemente lá em baixo, com o seu suave murmurio bucolico, como nas paysagens idyllicas do bom Florian, e a todo o momento os nossos olhos esperavam vêr apparecer no meio d'essa solidão sagrada Aida sonhando com Radamés, o seu triumphante guerreiro, nas suas florestas embalsamadas e nos seus vastos templos de ouro; ou Aben-Afan, o mouro enamorado, recebendo das mãos milagrosas da sua fada Alina o ramo de murta que lhe devia dar o amor da sua adorada Branca, a formosa e casta abbadessa de Holgas.

O scenario lá estava, mas nem o filho d'Agar nem a escrava de Pharaó appareciam; em compensação, de vez em quando atravessavam o bosque solitario um par de valsistas que vinha descançar da fadiga das danças sob o arvoredo sombrio e silencioso, dois ou tres cavalheiros encasacados correctamente que vinham descançar do calor das salas, discutindo a questão das obras do porto de Lisboa, que n'esse dia passára na camara dos deputados, ao ar fresco da noite, nas ruas perfumadas do jardim.

*
* *

Eu não penso em citar os nomes dos convidados dos condes de Burnay, d'esses convidados que a sr.ª condessa com a sua elegancia suprema e a sua amabilidade fidalga, e o sr. conde com a sua franqueza e sem cerimonia caracteristica, recebiam em pé, no alto da escada. Citar esses nomes, mais de mil, seria fazer o recenseamento da população elegante e distincta de Lisboa, em todas as suas mais brilhantes classes.

Todas as grandes forças intellectuaes do paiz estavam representadas n'essa festa verdadeiramente excepcional; homens d'estado, homens de lettras, diplomatas, academicos, fidalgos, artistas, sabios, *sportmen*, banqueiros, capitalistas, conversavam animadamente, alegremente, nas sumptuosas salas do palacio Burnay.

Uma das estufas, a que serve de sala de theatro, fôra transformada em sala de bufete; em torno d'uma grande palmeira alastrava-se a meza cuja baixella era composta das mais ricas preciosidades das faianças modernas e antigas da Europa e da Asia; ao fundo, o palco do theatro servia de horto onde se ostentavam os mais vistosos arbustos; uma orchestra de plantas em que as azalleas do Cabo executavam a grande symphonia das côres.

Nunca costumamos dar o *menu* dos serviços de baile, damol-o hoje excepcionalmente para que se possa avaliar bem a grandeza de nababo com que foi dado o baile de Burnay.

O *menu* era o seguinte:

Croquettes à la parisienne
Petits pâtés à la Rossini
Buissons d'écrevisses
Filet de bœuf glacé
Chaud-froid de perdreaux
Jambon d'York à la gelée
Langue à la Mirabeau
Pains de volaille à la d'Orleans
Dindonneaux froids
Mayonnaise de saumon
Salade à la russe
Sandwichs variées
Térrines de foie-gras à la Bagration
Galantine de chapons à la Montpensier

Nougâts montés
Meringues à la Ficalho
Gelée au marasquin
Petits-fours assortis
Glace aux fraises
Glace à la vanille
Glace à l'ananás

Patisseries variées

Consommé, Chocolat, Café, Thé

Vins: Bordeaux, Bucellas, Jerez, Madère,
Porto et Champagne
Cognac et liqueurs variées

E desde que o baile começou até que elle findou, desde as 9 horas e meia da noite até ás 6 horas da manhã, o buffete esteve aberto, não cessando um minuto o serviço, não se pedindo uma coisa que não fosse logo servida, não se manifestando um desejo que não fosse logo realisado.

*
* *

Quando nós sahimos do baile, ás 2 horas e meia, tinha já começado o *cotillon* dirigido por uma das gentilissimas filhas do sr. conde, a ex.ma sr.ª D. Carolina Burnay e pelo sr. barão da Regaleira, de ha muito mestre incontestado n'esta arte elegante. O *cotillon* terminou pela manhã, pois as *marcas* eram nada menos de 31, muitas d'ellas novas e cheias de bellas e riquissimas surprezas.

Juntamente comnosco sahiam o dr. Thomaz de Carvalho e José Horta, dois homens de sciencia que tem sempre occupado no alto mundo elegante de Lisboa logar proeminente.

E o dr. Thomaz de Carvalho dizia:

— Desde os grandes bailes do Farrobo, nas Larangeiras, nunca houve em Lisboa festa que se parecesse com esta, e ainda assim...

Gervasio Lobato.

O BALÃO DIRIGIVEL JARDIM

(Concluido do n.º antecedente)

Estudando, como dissemos, todas as condições de melhoramentos a introduzir nos systhemas aerostaticos, ou antes no melhor systhema aerostatico conhecido até hoje, o illustre official portuguez analysou todas as condições phisicas e mechanicas dos helices usados, e concluiu que um helice que deve trabalhar no ar, não póde ter a mesma fórma que os que trabalham em condições diversas de meio, e de funcções que tenham a desempenhar.

De facto: os helices dos navios, collocados em apertado espaço, entre o casco e o leme, e, por isso, de palhetas muito curtas, devem adquirir a maxima velocidade á custa de desperdicio de força da machina que os actiona. Assim as machinas dos vapores deverão ter mais do que a força precisa para mover um helice que d'ella não careceria, em condições differentes.

N'um balão não succederá o mesmo; a machina, debaixo do minimo pezo, deve produzir o maximo effeito, ou percentagem no helice. Renard diz que alcançou uma percentagem de 70 %, e usava do helice conhecido, e usado, antes d'elle, por Giffard, Puy-de Lome, e Tissandier.

Ora o helice conhecido até hoje, tem as suas palhetas constituidas por forma, que a superficie d'ellas é collocada na extremidade da alavanca, ponto onde a velocidade é maxima. A velocidade substituirá, portanto, a força nos helices cujas machinas podem desperdiçar força, como nos navios, mas não deve fazel-o na barquinha d'um balão, onde toda a força deve ser aproveitada sob o pezo indispensavel.

Assim a superficie das palhetas do helice Jardim, foi distribuida em proporção da força crescente de cada um dos pontos da alavanca, caminhando para o centro de rotação; e o resultado d'uma experiencia de andamento, feito com os dois helices, de formas invertidas com superficies eguaes, deu-lhe uma velocidade que póde ser para o seu helice, comparado com o de Renard, como $\frac{4}{3}$.

Esta experiencia, confessa o inventor que não foi feita vezes bastantes para se poder concluir um principio seguro, uma lei reguladora da verdadeira fórma a dar ao helice dos balões. Comtudo, diz o illustre official, que, sendo o dever de todos os que estudam, deduzir as leis que regem as sciencias, dos factos estudados na natureza, é sua convicção que as palhetas d'um helice d'aerostato, devem ter a fórma das azas da ave, verdadeiro helice do ar para os animaes alados, como a barbatana é o helice dos habitantes das aguas.

Não haverá estudo a fazer n'este sentido, sobre a fórma a dar aos remos dos pequenos barcos, quando nós conhecemos, e já deviamos ter attendado na fórma dos remos, ou pás dos selvagens, cujas pirogas correm sobre o mar com uma velocidade muito superior á dos nossos barcos ou escaleres?

Em todo o caso, tres ou quatro experiencias feitas para comparação de velocidades respectivas, pelo inventor do novo helice, convenceram-n'o de que a velocidade produzida pelo seu, é, proximamente, egual a $\frac{4}{3}$ da do antigo.

Tendo o seu pequeno balão capacidade inferior a 2 metros cubicos, não podia elle levantar pilha de duração bastante para mais repetidas experiencias; essas experiencias devem ser feitas com variadas fórmas de helice, do novo systhema, e hão de, de certo, chegar a fornecer conclusões importantissimas, e d'um alcance extraordinario, em todas as regras da mechanica applicada á industria.

É preciso, repetimol-o, fornecer ao estudioso official, todos os meios de aperfeiçoar a sua descoberta, garantindo-lhe a construcção de um aerostato que lhe possa dar tempo para serio estudo, conservando-se no ar, sem perda de força. Para isso é mister que a pilha seja duradoira, e conserve a mesma energia por grande espaço de tempo, isto é: que o seu liquido seja em grande quantidade. D'ahi o peso a levantar.

Mas não se julgue, comtudo, que para isso seja neccessario que o balão tenha grandes dimensões: o que lhe é mister é grande capacidade; e como as surperficies, não crescem na proporção dos volumes, é claro que com pouco mais resistencia se alcançará muito maior força, se levarmos ainda o principio para a questão das velocidades a alcançar.

Gaston Tissandier, n'um estudo que fez d'este principio, para demonstrar como se alcançará sempre uma grande velocidade, quando se dê ao balão uma grande capacidade, apresenta o calculo seguinte:

«Comparemos, diz elle, dois balões alongados, «um de 1000 metros cubicos, e o outro tres ve- «zes mais volumoso, ou de proximamente 3000 «metros cubicos, tendo ambos a mesma fórma, «com comprimentos triplos dos diametros:

	Balão alongado de 953 m. cub.	Balão alongado de 3069 m. cub.
Comprimento de ponta a ponta	27 metros	40 metros
Superficie..................	523 m. quad.	1118 m. q.
Capacidade total..............	953 m. cub.	3069 m. c.
Peso do material (balão, rede, cordas, barquinha).........	500 k.	1100 k.

Força ascencional (total).......	1143	6682
Força ascencional para motor, viajantes e lastro............	643	2582
Tres viajantes...............	210	210
Lastro..........................	80	248
Resto para peso do motor....	353	2132
Força do motor..................	1 cavallo ½	10 cav.
Velocidade em kilometros por hora........................	15 kilom.	25 kil.

«D'aqui se vê, continua elle, que um aerostato tres vezes mais volumoso do que um outro, tem uma superficie apenas duas vezes superior á do primeiro; a sua força ascencional disponivel é quatro vezes maior, e a machina que póde levantar, terá dez vezes mais força do que a do primeiro! Para o nosso caso se póde concluir que se o pequeno balão que o major Jardim apresentou na sua conferencia, e com o qual fez as suas experiencias previas do helice, tivesse o dobro da superficie, teria quadrupplicada a sua força ascencional, e portanto a sua pilha, poderia sustentar-se com o liquido bastante para durar quatro ou mais vezes, o tempo que durou, e portanto daria espaço a experiencias repetidas e prolongadas.

Em relação ás velocidades é facil de prever o resultado; um balão com o dobro da superficie, tem capacidade para levantar uma machina que tem dez vezes mais força do que a primeira. Toda a questão está na grandeza do balão e *na resistencia do tecido de que elle é feito.*

É este inconveniente remediado pelo augmento da força da machina, para a mesma resistencia, ou secção transversal do aerostato, pela invenção do nosso compatriota. E não fallamos na questão economica, que é das mais importantes. Um balão de grandes dimensões, exige grande quantidade de tecido, grande trabalho de construção, grande quantidade de gaz, grande machina, barquinha, hangar para se recolher, pessoal de manobras, etc... que tudo reverterá em excessos de despeza dispensaveis no novo systhema.

Resumindo, e, sem nos alargarmos em calculos extensos, teremos successivamente:

1.º — Velocidade do balão Renard, em numeros redondos: 23 kilometros por hora.

Velocidade do balão Jardim, devido á sua fórma nova: $\frac{4}{3}$ 23=31 k.

Ou: tendo conta de resistencia devida ao augmento de velocidade: 29 k.

2.º — O dobro (pelo menos) d'esta velocidade, dado pela machina Jardim (triplicada força) 58 k.

3.º — $\frac{3}{2}$ d'esta velocidade, dada pela forma nova do helice: 86 k.

Ou, dando ainda para a resistencia (v^2) 26 k., teremos afinal, 60 k. para velocidade por hora do balão Jardim, quando o de Renard nunca poude alcançar mais do que 23 kilometros, Gabriel Yon, engenheiro francez, e constructor de aerostatos de guerra, escreve, em memoria publicada em 1884, apresentando um projecto de aerostato de sua invenção, que é capaz de lhe dar uma velocidade de 40 kilometros por hora, e os seus calculos são confirmados por Dupuy de Lôme, que accrescenta que o aerostato de Gabriel Yon poderá conservar-se no ar durante 22 horas, se elle conseguir condensar todo o vapor produzido na caldeira, como promette.

Em 1886 Gabriel Yon offerece a todas as nações o seu novo balão, chamado o *torpedeiro aereo*, que terá *ainda 40 kilometros* de velocidade por hora!

Se pois Renard declara que com 45 kilometros de velocidade, um balão vencerá todos as correntes regúlares do vento, em França; e se Gabriel Yon, com o seu systhema de machina de vapor, não annuncia mais do que 40 kilometros, não irá bem mais adeante do que os dois francezes o major Jardim que, despresando mais do que lhe daria a resistencia do ar, conserva ainda uma velocidade de 60 kilometros por hora, para o seu aerostato?

Concluamos pois que:

Empregar n'um balão alongado machina de grande força, sem lhe augmentar a superficie: transformar-lhe a configuração por fórma que a resistencia á marcha diminua, e dar-lhe ainda velocidade pela applicação de um helice de maior rendimento, são tres innovações que completam uma descoberta que já não pode deixar de ficar assignalada para sempre nos fastos das descobertas: portuguezas hoje, universaes amanhã.

Uma só d'ellas faria a gloria de Cypriano Jardim. A reunião das tres, a Patria do inventor, que lhe diga qual é o logar que lhe destina nos seus annaes, se amanhã a pratica dos seus principios confirmar, aos olhos da humanidade inteira, uma verdade que terá então por theatro, não o theatro de S. Carlos, mas o grande theatro dos orbes, o vasto, o immenso espaço indefinido...

P. C. F.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

II

O sr. Pereira não estivera caçoando com a tropa, quando dissera, apontando para o espaço, sobre o coreto do sr. Gaspar:

— Foi ali que nasceu a Chica.

Era positivamente a verdade: a Chica nascera ali, por aquellas alturas.

Não averiguaremos se foi sobre o bumbo, se sobre o cornetim que sua mãe a deu á luz: isso pouquissimo nos importa a nós, mas foi ali n'aquelle sitio pouco mais ou menos, no terceiro andar d'um predio que ali se erguia ainda ha 8 annos e que o camartello da civilisação mandado manobrar pelo sr. Rosa Araujo reduziu a pó cinza e Avenida, que a sr.ª D. Ignacia Pereira foi menina Ignacinha Leitão: foi ali que ella foi successivamente filha, esposa e mãe.

O Leitão pae, que Deus de ha muito chamou á sua presença, era bravo do Mindello, e depois de ajudar a plantar em Portugal a arvore da liberdade, plantou no seio do seu lar a sr.ª D. Eustachia Sanches, viuva d'um capitão miguelista, que na sua fria cova devia ter sorrido triumphante e vingativo no dia do casamento da sua viuva com o seu irreconciliavel adversario politico.

A acção que o velho Leitão commettera casando com a sr.ª D. Eustachia foi a mais corajosa e heroica de toda a sua longa vida de guerreiro.

O desembarque na praia do Mindello comparado com o embarque no thalamo conjugal da viuva miguelista foi um copo d'agua.

Quem via a sr.ª D. Eustachia com os seus 40 annos bem puchados, o seu amplo bigode erriçado, o seu nariz redondo na ponta como um castão de *casse-tête*, a sua testa chata accidentada á esquerda pelo promontorio d'um lobinho que fazia precioso *pendant* com uma verruga que tinha no queixo e d'onde repujavam valentemente sete cabellos indomaveis como os sete peccados mortaes, quem a via, a ella, baixa, gorda e redonda, pelo braço do seu marido, comprehendia logo bem que elle não podia deixar de ser um bravo, do Mindello ou de qualquer outra parte, mas um bravo com certeza.

Do corajoso enlace do sr. Leitão com a sr.ª D. Eustachia nasceu ao cabo de 9 annos uma robusta menina.

Essa robusta menina recebeu na pia baptismal da egreja de S. José o nome de Ignacia, e da visinhança da Praça da Alegria de baixo e immediações do Passeio Publico o diminuitivo de leitoasinha.

O pae gostava muito da pequena, e achava muita graça á maneira como os visinhos a tratavam e ás festas que lhe faziam, quando elle ia ao domingo com ella ao Passeio, ás horas da musica e lhe pegavam ao collo dizendo:

— Ora venha cá a sua leitoasinha! Então gosta de ouvir os tuns-tuns?

A sr.ª D. Eustachia, porém, não achava graça nenhuma a isso: embirrava até solemnemente com a coisa e ás vezes censurava azeda seu marido por não se espantar a serio com os taes graciosos:

— Se você não fosse um bollas, um banasolla, já elles não chamavam á sua filha leitoa.

— Mas menina, elles não lhe chamam isso por mal..

— Ah! meu Sanches, meu Sanches, exclamava ella então invocando a memoria do seu primeiro marido, não eras tu que consentirias que a tuas filhas chamassem leitoas.

— Pois sim, minha senhora, mas isso é muito differente: tambem se eu me chamasse Sanches não consentiria, mas chamo-me Leitão, e por isso não me posso zangar que a meus filhos deem o meu nome convenientemente accommodado ao seu sexo e á sua edade.

— Tivesse eu reparado n'isso que não era com você que eu casava...

— Que pena não ter reparado! lastimava o marido no intimo da sua alma...

— Mas não pensei, não me lembrei que casando com o senhor me sugeitava a ser mãe de leitões!

*
* *

A Ignacinha foi crescendo. Era o retrato de sua mãe... ao comprido.

A D. Eustachia crescera para os lados, a Ignacinha crescia para cima: a mãe era toda carnes, ella era toda osso, osso que cada dia ia subindo, chegando já a ameaçar no terceiro andar do predio da praça d'Alegria o chão dos visinhos da agua-furtada.

A cara era a da mãe por uma penna; o nariz esboçava já o mesmo formato, os olhos tinham a mesma expressão strabica; as feições eram as mesmas, sem lobinho nem verruga e alongadas como as das caras de borracha quando se apertam pelas orelhas.

Entretanto, á proporção que ia crescendo Ignacia ia-se tornando mais acceitavel, não porque se fosse fazendo mais bonita, mas porque como era já muito alta, a cara ia subindo e portanto ia sendo feia... mais ao longe.

No genio parecia-se muito egualmente com sua mãe; no genio e na intelligencia.

O pae, o Leitão, mettera-a n'um collegio muito bom d'uma respeitavel senhora muito illustrada e muito honesta, onde filhas d'amigos seus tinham colhido optimos resultados.

A Ignacinha entrou para lá aos onze annos; no fim de tres annos o Leitão foi procurado pela directora do collegio de sua filha.

— Venho pedir-lhe, sr. Leitão, que tire sua filha do meu collegio.

— Ora essa! minha senhora, porque?

— Repugna-me estar a receber-lhe todos os mezes o seu dinheiro sem o merecer. Não tenho nada que ensinar a sua filha.

— Ah! sim! Ella já sabe tudo?

— Não, senhor, não sabe nada.

— Como?

— E desisto completamente de lhe metter qualquer coisa na cabeça.

Tenho luctado estes tres annos, e nada. Vejo que é impossivel e por isso não quero estar mais tempo a receber um dinheiro que é quasi roubado.

— Sae á mãe! disse resignado o Leitão, encolhendo os hombros.

E tirou-a do collegio.

A Ignacia veio para casa e então seu pae notou que a professora tinha sido excessivamente modesta quando lhe dissera que sua filha nada apprendera no seu collegio.

Aprendera a namorar que era um gosto, e começava a fazer um grande uso das suas prendas.

Para o Leitão principiou essa nova epocha de preoccupações, de cuidados e de sensaborias.

Não podia chegar á janella que não visse no terraço do Passeio Publico, que ficava defronte das suas janellas, uns fedelhos do lyceu de jaleca e bonet, embasbacados para o seu terceiro andar.

Quando sahia com a sua filha voltava para casa sempre fulo: — trazia atraz de si uma récua de meninos.

E deixou-se de sahir com ella.

— Leva a pequena, dizia a sr.ª D. Eustachia ás vezes quando elle sahia.

— Nada, não levo.

— É o primeiro pae que não quer sahir com a sua filha.

— Pois sim, mas é que eu quando saio com a pequena não sou um pae a passeiar com a filha, sou um perfeito a passeiar um collegio á quinta feira.

Mas ha males que vem por bens, e a estupidez da Ignacinha prestou grandes serviços ao Leitão. Essa estupidez e o seu terceiro andar evitou-lhe grandes sensaborias.

Os namorados de sua filha duravam apenas tres dias o muito, até ao momento tradiccional da carta offerecida.

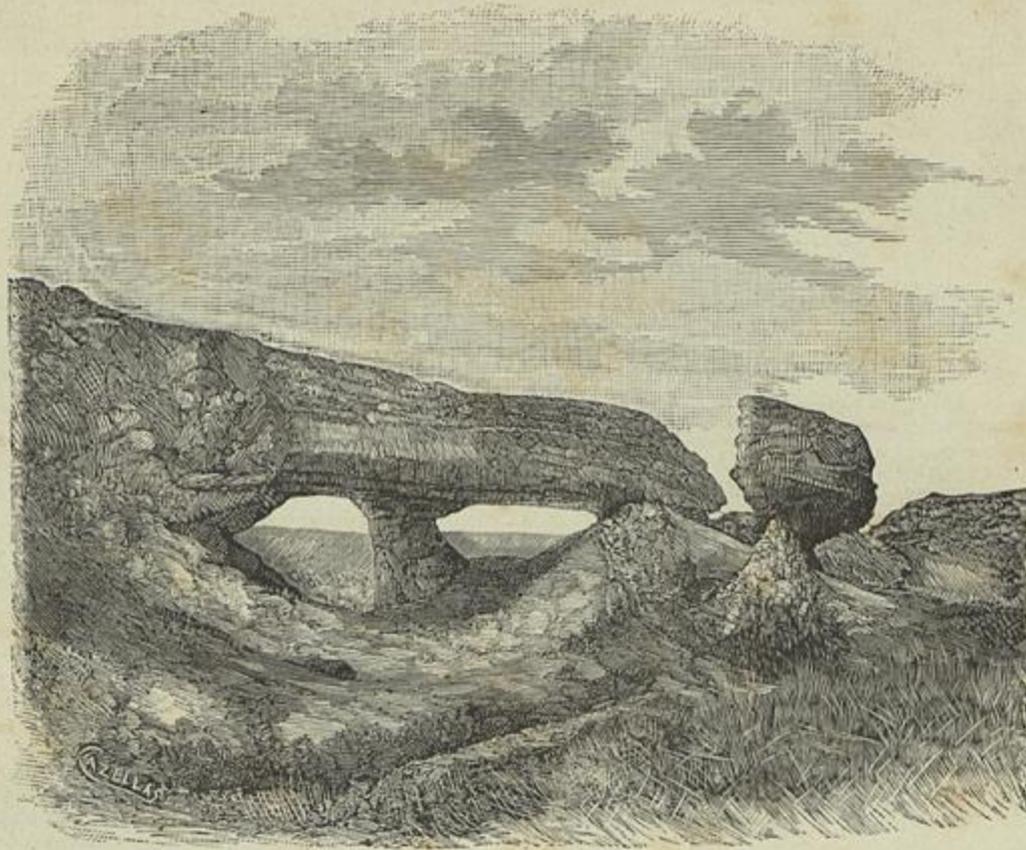
Tão depressa Ignacia lá da sua saccada via alvejar na mão dos seus galanteadores um sobrescripto, mettia-se logo para dentro e batia-lhe com a janella na cara.

Não entendia senão letra redonda, e ainda assim não muito por cima; não tinha ninguem que lhe lesse as cartas, e furiosa com a mania de escripturação que tinham todos os rapazes que para ella erguiam os olhos, mandava-os passeiar implacavelmente apenas elles vinham com as suas declarações amorosas epistolares.

E como a respeitavel altura das suas saccadas não permittia que nenhuma declaração chegasse lá acima verbalmente, a Ignacinha chegou aos 18 annos sem ter um namoro, apesar de ter tido centenas de namorados.

Exactamente, porém, no dia em que fez dezoito primaveras, raiou para ella a sua primeira declaração d'amor.

(Continúa)

Gervasio Lobato.

AFRICA PORTUGUEZA — ARCOS NATURAES NAS MARGENS DO RIO COROQUE

(Segundo uma photographia de Moraes)

RESENHA NOTICIOSA

O MAJOR HENRIQUE DE CARVALHO. Chegou a Lisboa no dia 12 do corrente, no paquete *Portugal*, o major Henrique de Carvalho, de regresso da sua viagem atravez d'Africa. A respeito d'esta viagem publicou o OCCIDENTE um artigo especial a paginas 51 do presente volume, acompanhando esse artigo com o retrato do benemerito explorador e uma gravura representando a embaixada do *Muata* que o acompanhou a Loanda. O major Henrique de Carvalho occupa hoje um logar distincto entre os modernos exploradores portuguezes, que se têem esforçado pela civilisação africana, a despeito de todas as difficuldades e desalentos que acompanham as suas missões civilisadoras. Felicitamos Henrique de Garvalho pelo seu regresso á patria.

ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO BRAZIL. Recebeu-se em Lisboa no dia 16 um telegramma dirigido pelo ministro dos estrangeiros do Brazil, sr. Rodrigo da Silva, ao sr. Barros Gomes, participando, que o parlamento brazileiro, em sessão do dia 10 do corrente, approvou a lei de libertação completa dos escravos, lei que foi sanccionada pela regente do imperio, no dia 13. O sr. ministro dos estrangeiros respondeu em telegramma felicitando, em nome do governo e da nação, o governo brazileiro e o imperio, pela generosa lei, que acaba de banir d'aquelle paiz florescente a escravidão. Toda a imprensa recebeu com verdadeiro regosijo esta boa nova, regosijo a que nos associamos do coração, levantando um enthusiastico viva pelo Brazil sem escravos.

ARCHEOLOGIA. O sr. José Henriques Pinheiro, professor do lyceu de Bragança, fez importantes descobertas, em Castro de Avellãs, de varias lapides, objectos de bronze e de ceramica romanas que enviou á *Sociedade Martins Sarmento* de Guimarães. Estes objectos foram achados nas ruinas, de uma povoação romana que principia a descobrir-se, mas para que faltam os meios necessarios para continuar nas escavações precisas. Parecia-nos justo que os poderes competentes subsidiassem esta exploração, que tão importante poderá ser para o estudo historico e para a sciencia.

JOSÉ PARDAL. O nosso distincto collaborador artistico sr. José Pardal concluiu um bonito quadro a oleo representando o yatch *Amelia*, pertencente a sua alteza o principe D. Carlos, e que offereceu para a *kermesse* que vae realisar-se no parque dos srs. condes de Burnay. Esta pequena obra, que é apenas um dos primeiros estudos do sr. Pardal, revela uma pronunciada vocação para a pintura, muito especialmente de marinhas, que este artista estuda com particular predilecção.

FALLECIMENTO. Falleceu hontem o sr. Antonio Maria Barreiros Arrobas, par do reino vitalicio, antigo deputado da nação, vogal da Junta Consultiva do Ultramar, coronel do Estado Maior, e um dos membros mais prestantes do partido regenerador. O sr. Arrobas fôra em tempo governador em Cabo Verde, e ha poucos annos desempenhou o cargo de governador civil de Lisboa, logar em que deu bastante que fallar de si por varias medidas administrativas da sua gerencia, algumas d'ellas bem acceites, e outras que soffreram contestações que o desgostaram, não obstante os seus bons desejos de acertar. Dotado de boas qualidades sociaveis, o sr. Arrobas era um bom amigo, capaz das grandes dedicações. Serviu bem o seu paiz e foi um dedicado partidario da regeneração. Tinha 63 annos de idade, soffrendo já ha tempos da enfermidade que o lançou na sepultura, com grande sentimento dos seus amigos, que eram muitos. Os nossos sentimentos a sua familia.

TE-DEUM PELAS MELHORAS DE EL-REI. A camara municipal de Lisboa mandou celebrar um solemne Te-Deum, na egreja de S. Domingos, no dia 12 do corrente, em acção de graças pelas melhoras de El-Rei D. Luiz. O vasto templo de S. Domingos apresentava-se sumptuosamente adornado de ricas armações de veludo e ouro, subresahindo formosas plantas decorativas que alegravam o recinto profusamente illuminado com cerca de 800 luzes, além dos candelabros de gaz. Sua Magestade a Rainha e suas Altezas os Duques de Bragança e o Infante D. Affonso chegaram ao templo pouco depois do meio dia; eram esperados pelo patriarcha, ministerio, deputação das casas do parlamento, camara municipal, governador civil, titulares, dignatarios da patriarchal, membros da imprensa, etc. O corpo de bombeiros fazia a guarda de honra, formando allas ao longo da egreja até á capella mór, e os alumnos das escolas municipaes tambem formavam dentro do templo com todo o garbo de soldados do futuro. Á entrada da familia real a orchestra tocou o hymno nacional, principiando em seguida o Te-Deum, cuja musica foi do maestro Freitas Gazul. Esta imponente solemnidade terminou á 1 hora da tarde.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A Felicidade por Henrique Perez Escrich, traducção livre. Empreza Litteraria e Typographica, editora, Porto. Os romances de Escrich destacam-se da maioria dos romances modernos, pela moralidade da sua leitura, em que não ha os exaggeros de realismo repugnante com que a arte perde e o leitor nada lucra, sem que por isso a acção e os personagens deixem de ser verdadeiros. É este o grande merito dos romances de Escrich e que lhe tem dado grande numero de leitores. Em Portugal a *Bibliotheca do cura de Aldeia*, de que *A Felicidade* faz parte, tem tido o maior exito, tendo chegado a reimprimir em segundas edições alguns dos romances de Escrich, e n'isto está a sua recommendação para o romance *A Felicidade*, que ha pouco deu á estampa, e que é um dos melhores do festejado auctor hespanhol.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa *fundada em 1875*. 7.ª serie n.º 5 e 6. O summario do n.º 5 é: Exploração portugueza de Madagascar em 1613 — Relação inedita do padre Luiz Marianno; No caminho de Mussurise, por Paiva de Andrada. O summario do n.º 6 é: Exposição da Sociedade de Geographia de Lisboa em Antuerpia, em 1885 — Relatorio á commissão executiva da Sociedade pelo presidente da mesma commissão o ex.mo sr. Francisco Chamiço; Missão de Huilla — Documentos officiaes; Mossamedes — Communicação á Sociedade de Geographia de Lisboa, na sessão de 14 de novembro de 1887 pelo socio Rodolpho de Santa Brigida de Souza.

Bibliotheca Universal Antiga e Moderna David Corazzi editor, Lisboa. Estão publicados mais dois romances d'esta bibliotheca e são: *O javali de Bronze* por Andersen, e *Candido ou o optimismo* por Voltaire, versão de Fernandes Costa. Qualquer d'estes dois livros são dois primores litterarios que não precisam de encomios, muito especialmente o ultimo que é conhecido de todo o mundo que lê.

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa